



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

EMPODERAMENTO E INSCLUSÃO SOCIAL DE AFRO-BRASILEIROS NO FUTEBOL ATRAVÉS DO PROJETO ATLETA CIDADÃO DO FUTURO

Lucas Vieira de Lima Silva - URCA Crato-CE. Email: vieira11silva@hotmail.com

Maria Rosângela Dias Pinheiro - URCA Campus Iguatu-CE. Email: rosangelapinheiroigt@hotmail.com

Nilmara Serafim Chagas - URCA Campus Iguatu-CE. Email: nschagas@hotmail.com

RESUMO: Nossas inquietações em investigar o empoderamento de afro-brasileiros no esporte, particularmente no futebol, como um espaço possível de inclusão social em *escolinhas*¹ especializadas para esse fim, são frutos de nossa trajetória de vida pessoal, formação inicial e continuada e profissional. Nesse caso, estamos nos apoiando nos conhecimentos da *história vista de baixo*, ou da *história de baixo para cima*. Buscamos, através desta pesquisa, responder à seguinte questão central de nossa investigação: **Como o futebol contribui para o empoderamento de afro-brasileiros, conduzindo-os à possível inclusão social?** O estudo buscou analisar de que forma o futebol contribui para o empoderamento de afro-brasileiros, através do Projeto Atleta Cidadão do Futuro (PACF) desenvolvido na cidade de Campina Grande-PB. A partir dos conceitos de empoderamento e inclusão social, articulados com a noção de *história vista de baixo*, tivemos o propósito de procurar descobrir, nas opiniões e nas ações dos sujeitos comuns do campo investigado, elementos constitutivos ou representativos de empoderamento com vistas ao alcance da inclusão social. Tratamos da materialização de uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa. Diante do que temos verificado através dessa análise, podemos afirmar que os atletas do PACF, sujeitos comuns e desconhecidos da sociedade, conscientes de suas condições sociais e econômicas, também constroem a história do futebol como um espaço de empoderamento e inclusão social.

Palavras-chave: Afro-Brasileiros. Empoderamento. Inclusão Social. Projeto Atleta Cidadão do Futuro.

1 INTRODUÇÃO

Nossas inquietações em investigar o empoderamento de afro-brasileiros no esporte, particularmente no futebol, como um espaço possível de inclusão social em *escolinhas* especializadas para esse fim, são frutos de nossa trajetória de vida pessoal (como atleta/desportista), formação inicial (em Educação Física e pesquisador) e continuada e

¹ Nome dado a programas e espaços destinados ao desenvolvimento da iniciação esportiva.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

profissional (professor e pesquisador), especialmente no período do doutoramento em Educação.

Esse caminhar nos conduz, por conseguinte, a optar por uma base teórica capaz de analisar o fenômeno proposto, sobretudo, sob o olhar das pessoas mais comuns e desconhecidas encontradas nesses espaços/tempos daquela modalidade esportiva. Nesse caso, estamos nos apoiando em autores como Sharpe (1992), Hobsbawm (1998) e Thompson (2010), que, partindo dos conhecimentos da *história vista de baixo*, ou da *história de baixo para cima*, dão-nos os elementos necessários para empreendermos este estudo.

Nessa perspectiva teórica direcionamos nossas leituras em torno da temática do futebol como espaço de empoderamento e inclusão social de pessoas comuns e desconhecidas da sociedade, sobretudo afro-brasileiros pobres, advindos das camadas inferiores da sociedade paraibana que buscam esse esporte como possibilidade de uma vida melhor.

Nesse contexto, buscamos, através desta pesquisa, responder à seguinte questão central de nossa investigação: **Como o futebol contribui para o empoderamento de afro-brasileiros, conduzindo-os à possível inclusão social?**

Com base no problema aqui formulado, o estudo buscou analisar de que forma o futebol contribui para o empoderamento de afro-brasileiros, através do Projeto Atleta Cidadão do Futuro (PACF) desenvolvido na cidade de Campina Grande-PB, visando formar atletas para essa modalidade esportiva e, ao mesmo tempo, como esse programa formador, também considerado espaço de inclusão social, constitui-se como uma resposta desses sujeitos ao processo de pobreza e de exclusão que historicamente enfrentam no Brasil.

O empoderamento pode ser concebido de diferentes maneiras, dependendo da realidade de quem dele se apropria, sobretudo em se tratando de sua posição e interesses políticos e ideológicos. Entretanto, para que não perca sua consistência e propositura no contexto da realidade da América Latina, em geral, e da brasileira, em particular, segue seu fio condutor, que é o de fazer com que os sujeitos, individual ou coletivamente, apoiados ou não pelo Estado, reinventem caminhos de superação das desconfortáveis condições de pobreza e exclusão nas quais estão inseridos.



O termo inclusão social corresponde a uma atitude política a ser adotada perante ao processo de exclusão e às desigualdades sociais, “[...] voltada para a instituição de espaços de comunicação, realização e participação na sociedade de pessoas, grupos e comunidades que, em função de circunstâncias históricas, são privadas dos seus direitos impedidos (BORGES, 2012, p. 1) de alcançarem sua cidadania plena.

A partir desses dois conceitos (empoderamento e inclusão social), articulados com a noção de *história vista de baixo*, tivemos o propósito de procurar descobrir, nas opiniões e nas ações dos sujeitos comuns do campo investigado, elementos constitutivos ou representativos de empoderamento com vistas ao alcance da inclusão social. Sua compreensão serviu-nos, ainda, para percebermos melhor como ocorrem ou se desenvolvem os processos de empoderamento e inclusão social no PACF, responsável pela formação e pela revelação de talentos para o futebol.

Dividimos esta pesquisa em três partes. Na primeira, tratamos da abordagem metodológica. Em seguida, procedemos com os resultados e discussões do estudo. E, por último, partimos para as conclusões, destacando nossas reflexões finais sobre a referida investigação.

2 CAMINHOS DA PESQUISA

Tratamos da materialização de uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa (SEVERINO, 2007), uma vez que se caracteriza como “[...] a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados [...]” (RICHARDSON et al., 1999, p. 90). Foi iniciada a partir da obtenção de informações e contatos preliminares com o coordenador/idealizador do PACF que nos conduziram a formular o objeto de estudo e realizar a pesquisa, permitindo-nos mergulhar no campo de investigação – bem mais atento e *preparado* – para vasculhar manifestações relativas ao futebol como espaço de empoderamento de afro-brasileiros, conduzindo-os à inclusão social, tomando o PACF como *locus* da referida pesquisa.



Os sujeitos da pesquisa foram constituídos por um total de trinta pessoas², ou seja, atletas do sexo masculino participantes desse projeto, os quais vinham participando ativamente do mesmo e apresentam idades que variam entre quinze a vinte e seis anos, porém, a maior parte dos sujeitos concentra-se na faixa etária dos dezesseis anos, como foi possível identificar na aplicação do questionário sociodemográfico.

Coletamos informações por meio de leituras de documentos relativos ao *lôcus* da pesquisa, conversas permanentes com o idealizador/coordenador do projeto, observações durante todas as visitas ao campo de pesquisa, registros audiovisuais, aplicação de questionário sociodemográfico e, principalmente, obtemos informações através da entrevista semiestruturada aplicada por meio de roteiro de perguntas, tomando o gravador para registrar as falas dos atletas.

Para sustentar a análise da pesquisa, pautamo-nos na teoria da *história vista de baixo e nos conceitos de empoderamento e inclusão social* articulados, sobretudo, no que diz respeito aos seus aspectos, implicações e contextos, visando delimitar mais apropriadamente os termos com o fenômeno de estudo desta investigação que trata do empoderamento de afro-brasileiros no futebol, tendo o PACF como espaço/tempo destinado à formação de atletas para essa modalidade.

A análise do material foi dividida em três estações principais. Para operacionalizar a interpretação dos dados, elaboramos o seguinte esquema de ações:

Primeiro momento: ordenação dos dados, iniciando pela transcrição das gravações realizadas; leituras do material, depois de transcrito, e organização dos relatos e dos dados da observação; transcrição de todas as entrevistas gravadas em celular, momento em que acessamos, pela primeira vez, as falas dos sujeitos em questão e passamos a identificar alguns aspectos mais genéricos sobre o empoderamento ali contidos; anotações no diário de campo para facilitar o processo de análise; disposição de um plano geral de todo o material; seções de leitura e elaboração de um desenho aproximativo da classificação dos dados.

Segundo momento: leituras repetidas das informações obtidas durante as entrevistas e classificação das mesmas, conseguidas a partir de nossas questões, da fundamentação teórica e dos pressupostos da investigação; e identificação das estruturas de relevância e das

² A qualidade e a relevância das informações foram atingidas a partir desse número de informações.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

categorias empíricas, as quais, no conjunto das falas dos entrevistados, depois de uma série de leituras e procedimentos classificatórios, identificamos as seguintes: a) *Futebol, estudo e trabalho*; b) *O PACF como espaço de transformação*; e c) *Compreensão da realidade*.

Terceiro momento: efetuamos a construção do texto de análise final, através da articulação entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às suas questões com base em seus objetivos com a preocupação de organizar a interpretação as informações obtidas de forma que pudéssemos identificar como o futebol, através do PACF, contribui para o empoderamento de afro-brasileiros, conduzindo-os à inclusão social.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, apresentamos os resultados e as análises com base nas entrevistas realizadas com os atletas/sujeitos em processo de empoderamento do PACF, visando descrever e analisar como esse grupo de indivíduos compreendem suas formas de empoderamento e inclusão social através desse esporte. Depois de feitas várias leituras das informações e das narrativas dos sujeitos pesquisados, estabelecemos as categorias de análise constituintes do grupo pesquisado as quais nos levam a entender como o futebol, para esses entrevistados, é um espaço de empoderamento e, por conseguinte, de inclusão social.

3.1 Futebol, estudo e trabalho

Estudo e futebol têm muito a ver com as proposições do próprio programa, que recomenda que os jovens que ali se encontram não só treinem futebol, mas também estudem e se matriculem na rede pública de ensino, mostrando aqui que há uma concordância entre a proposição e a ação do PACF. Nesse contexto, o trabalho está mais relacionado à questão de sobrevivência ou a algo que virá futuramente como resultado dos estudos que ora estão realizando em paralelo com o sonho de um dia ser um jogador profissional.

A preocupação e a valorização com a escolarização são perceptíveis entre os atletas investigados, como podemos examinar na fala de um dos entrevistados:



Meu, meu estudo eu num paro nunca. Só paro quando eu ver... terminei, e se eu não ingressar no futebol, eu ingresso numa boa faculdade. E eu tô fazendo agora... vou pro primeiro ano agora, científico... (Entrevistado 3 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

O próprio PACF, por sua filosofia de formação de atletas, instiga seus formandos a pensarem, simultaneamente, no futebol e na elevação dos níveis de escolarização, embora saibamos, que, frequentemente, os sujeitos pobres e excluídos apostem mais no futebol como uma via mais rápida para a conquista por uma vida mais digna. Já o fato de alguns acrescentarem o trabalho ao seu cotidiano é porque precisam sobreviver, porquanto as condições sociais da maioria dos atletas são bastante precárias, razão por que, procuram, geralmente, de maneira informal e autônoma, conseguir algum dinheiro para ajudar nas despesas da família.

Em síntese, compreendemos que o futebol é um futuro incerto, que poderá se tornar realidade ou não. Assim, os estudos se revelariam com a certeza de que dias melhores podem vir, assim como o trabalho e a ação para o atendimento das necessidades imediatas de sobrevivência de afro-brasileiros pobres e excluídos integrantes do PACF.

3.2 O PACF como espaço de transformação

O propósito do PACF parece ser, de fato, formar um cidadão que possa ser capaz de transformar sua difícil realidade de exclusão e pobreza, através de experiências variadas por meio do futebol. Nesse caso, o projeto se mostra como um espaço/tempo de incertezas, mas, ao mesmo tempo, de esperança, como evidenciado na passagem adiante:

Além dos cursos, essas coisas, trouxe a esperança de, de reativar o meu sonho, que eu tava querendo desistir e a, e assim, cada dia vindo treinar você quer mais ainda conseguir chegar no clube, num clube, [...] pode ser aqui da, da Paraíba: Treze ou, ou um clube grande aí... dá esperança, dá motivação de você chegar cada dia mais e conseguir. (Entrevistado 9 – entrevista concedida em 17 de janeiro de 2013).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O sentido de *esperança*, nesse caso, está atrelado ao de transformação, e como dito na fala de Betto e Cortella (2012, p. 105), “a esperança não é um instinto, mas uma força de sobrevivência superior, quer dizer, é como uma capacidade de elevar a vida para um patamar que seja melhor.” Assim, a retomada da *motivação* para reativar o *sonho* de um dia se transformar num jogador de futebol coloca o sujeito comum na condição de acreditar que sua vida pode realmente mudar. Por isso não é sem razão que os entrevistados, durante sua participação no PACF, manifestam suas mudanças nos campos pessoal, familiar, social etc.

O que faz o sujeito acreditar que poderá se tornar um jogador e cidadão através do futebol é mesmo sua participação engajada no PACF. Se antes, no mundo lá fora, vivia uma situação de vulnerabilidade, abandono e esquecimento, nesse espaço de formação, vive, agora, o sonho e a esperança de poder superar as adversidades sociais, econômicas e culturais que o assola. Além disso, está buscando outras questões de ordem mais afetiva, de elevação da autoestima, de convivência com o outro. O que nas ruas, nas esquinas e nas companhias *duvidosas* do dia a dia não conseguem conquistar, parecem experimentar mais facilmente no PACF.

As falas analisadas denotam que há um processo de transformação no campo mais pessoal, pois os sujeitos, individualmente, passam a acreditar mais no potencial que detêm para superar os obstáculos psicológicos, sociais, econômicos, políticos e culturais. Nesse caso, o empoderamento que se destaca aqui não é somente o de nível individual, mas também, segundo Baquero (2012, p. 176), buscando respaldo em Zimmerman (1990), “[...] intrapessoal, na medida em que, embora, fortemente influenciado por fatores psicológicos – autoestima, temperamento, e experiências, o empoderamento individual é relacional [...]”. Ele é resultado da percepção que os jovens atletas do PACF têm de/em suas interações com ambientes e pessoas (BAQUERO, 2012). Nesse caso, os atletas sentem-se, particularmente, que estão se transformando com suas experiências nesse programa, influenciam e são influenciados positivamente com as mudanças.

Nesta análise, perguntamos: onde se situa a inclusão social e como acontece na vida desses jovens? Podemos afirmar que se situa nos próprios sujeitos desempoderados e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

materializa-se na esperança, nos desejos e nos sonhos que alimentam dia a dia, através do exercício de suas habilidades para driblar e superar o contexto adverso que enfrentam.

3.3 Compreensão da realidade

À medida que os atletas do PACF se transformam e se empoderam, individual ou coletivamente, em suas vivências e experiências no futebol, vão tomando conta da realidade em que estão inseridos. A construção da categoria *compreensão da realidade* trouxe-nos importantes questões a serem analisadas sobre como os atletas desse projeto são capazes de discernir diante de seu contexto político, social, econômico e cultural.

Aliás, fenômenos como o preconceito racial ocorrido no campo do futebol também foram percebidos e refletidos por um dos entrevistados, notadamente ao afirmar ter sido discriminado por sua cor:

A gente foi po um, pum jogo em Bananeiras... aí eu tava agarrando muito lá e o povo falando assim... e tinha uns aluno da própria universidade, começaram a me xingar me chamando de *fita isolante*... e falando e me criticando, falando as coisa lá, aí, onde tem uma... é uma universidade, onde estuda todas as raças, todas as línguas, aí o cara... a pessoa chegar, chegar um negro numa universidade jogando futebol, logo no futebol onde participa branco, negro... todas as cores e uns alunos que é... sabendo que todos somos do mesmo sangue e che... criticar, chamar... ter racismo dentro de uma própria universidade... (Entrevistado 3 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Sua lucidez sobre o tema do racismo vai para além da crítica sobre o insulto e a discriminação que sofreu ao ir jogar futebol numa universidade do interior. Esse entrevistado reflete sobre a questão de maneira mais séria, uma vez que traz à tona o fato de o episódio ter ocorrido nos domínios de uma IES pública. Para ele, trata-se de um lugar onde o ambiente parece ser mais democrático e, por isso, as pessoas deveriam dispor de mais senso crítico e mais consciência sobre a realidade social enfrentada pelos afro-brasileiros em nossa sociedade, contribuindo para que isso não ocorresse em espaços dessa importância social, política e cultural. Porém, sabemos que essas reações racistas se manifestam cotidianamente nos mais diferentes espaços da vida social, inclusive em lugares como esse do mundo



acadêmico. Basta lembrar, por exemplo, como tem sido difícil aprovar as políticas de cotas raciais nas universidades federais do Brasil.

Se, de um lado, o futebol reproduz todo um processo histórico de discriminação em função da raça/cor da pele, de outro, possibilita sonhos e realizações de uma vida melhor para esses sujeitos totalmente excluídos dos outros espaços da vida social. De fato, essa prática esportiva propicia, ao mesmo tempo, formas de inclusão e exclusão social, porque os sujeitos que a fazem existir são atores sociais impregnados de valores preconceituosos, racistas e discriminatórios manifestados em nossa sociedade.

Ressaltamos que, apesar de o futebol se constituir de práticas reveladoras da majoritária presença de afro-brasileiros como jogadores desse esporte (VIEIRA, 2003), os preconceitos e os estigmas contra eles se farão presentes, manifestando-se de forma sutil, dissimulada e, em certas ocasiões, declarada, sobretudo nos momentos das disputas esportivas em que as explicações para as atitudes racistas são sempre as mesmas, como aquelas que insistem em afirmar: *no esporte isso é comum e faz parte das provocações para desequilibrar psicologicamente o adversário*. Com isso, ao encobrirmos o racismo no esporte, dando-lhe um caráter eminentemente específico do mundo esportivo e não pertencente ao campo social, indubitavelmente, perpetuamo-lo e o reproduzimos disfarçadamente como as provocações do jogo.

Essas falas expressam o quanto os sujeitos têm plena noção do racismo, manifestado, quase sempre, em tom de *piadinhas, brincadeiras e xingamentos* (CARVALHO, 2004). Sabem dos prejuízos que ele pode causar ao seu desenvolvimento psicológico, intelectual e social (CARVALHO, 2005). Nesse caso, o futebol não está isento dessas manifestações. “Casos antigos de racismo no esporte ultrapassaram a barreira do tempo e permanecem nos dias atuais. Em gramados, quadras e pistas, o preconceito racial se manifesta nos quatro cantos do mundo” (HUBER et. al., 2006, p. 2).

Para alguns dos entrevistados o programa não é somente um espaço específico de formação e revelação de atletas, mas também, e principalmente, de um *projeto social*, porquanto se propõe a contribuir para a inserção e a ascensão social de uma juventude pobre e excluída e, por esse motivo, totalmente desassistida pelas autoridades públicas de Campina



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Grande. Diante desse contexto, as perguntas a serem respondidas são: de quem é a responsabilidade por esses jovens? Qual é o papel do Estado no processo de inclusão social dos jovens pobres desse país?

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e, sobretudo, em conformidade com a Emenda Constitucional nº 66 de 13 de julho de 2010, Título VIII, Da Ordem Social, Capítulo VII, Da família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso, em seu Art. 227, estabelece que é dever da família, da sociedade e do Estado garantir à criança, ao adolescente e aos jovens de maneira geral, prioritariamente, todos os direitos fundamentais: vida, saúde, alimentação, educação, lazer, profissionalização, cultura, entre outros, além de protegê-los de toda forma de descuido ou desleixo, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 2013).

Isso significa que o Estado precisa cumprir com o seu dever no processo de proteção e inclusão social de suas crianças, adolescentes e jovens, para que não fiquem expostos a todo tipo de violência. Porém, o que está dito em lei precisa sair do papel e ser cumprido na prática, haja vista muitos sujeitos jovens afro-brasileiros pobres demonstrarem, através de programas de formação de atletas/cidadãos como o PACF, total resistência ao processo de exclusão social que enfrentam.

4 CONCLUSÕES

Diante do que temos verificado através dessa análise, podemos afirmar que os atletas do PACF, sujeitos comuns e desconhecidos da sociedade, conscientes de suas condições sociais e econômicas, também constroem a história do futebol como um espaço de empoderamento, sobretudo nas formas como esses jovens se manifestam criticamente sobre sua realidade e a enfrentada pelo programa de formação e revelação de atletas do qual fazem parte.

O agente formador aparece como uma referência muito significativa na vida desses atletas. A forma como o respeitam e lhe dão credibilidade constitui um *porto seguro* para a realização de suas ações como seres humanos e jogadores dentro e fora do programa.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O empoderamento desses atletas se manifesta também quando conseguem combinar futebol, estudo e, em alguns casos, trabalho. A maioria apenas treina e estuda. Eles demonstram ter um entendimento claro sobre a necessidade de dar conta dessas três atividades. Treinam futebol porque sonham em, um dia, tornarem-se jogadores, mas, por outro lado, não abandonam os estudos porque, além de se constituir uma das exigências mais ou menos cobrada pelo programa, os atletas têm consciência de que podem dar certo ou não no mundo futebolístico. Sabem da importância de se acreditar nos estudos como uma das saídas para alcançarem vida digna e cidadã. Alguns desses sujeitos, além de treinar e frequentar a escola trabalham, pois reconhecem que, sem dinheiro, não há como se manterem numa sociedade como a nossa.

Outra forma de empoderamento apresentada pelos sujeitos desta pesquisa diz respeito ao fato de compreenderem o PACF como um espaço de transformação individual e coletiva. Acreditam que esse programa vem contribuindo para ajudá-los a perceber o mundo de outra forma, diferente daquela quando estavam nas ruas, nas esquinas ou em casa sem perspectiva, sem fazer nada. Ao se integrarem no projeto, passam a tomar consciência das mudanças que lhes vão ocorrendo e tomam gosto pelos trabalhos ali realizados, passando a retomar os sonhos e as esperanças de uma vida melhor para si e para seus familiares.

Essa participação no PACF dá aos atletas a oportunidade de aprenderem a jogar futebol e, se possível, tornarem-se jogadores profissionais. Esse seu engajamento no programa permite-lhes desenvolver o senso crítico sobre a realidade da qual fazem parte para ser capazes de refletir, ao seu modo, sobre temas atuais como, por exemplo, racismo, exclusão social, pobreza, descompromisso político dos governantes para com a população afro-brasileira carente etc.

As preocupações mencionadas por esses sujeitos enquadram-se, também, numa noção de empoderamento de *classe social*, pois, ao tentar compreender sua realidade, eles estão se colocando diante de um processo de natureza não individual, mas coletiva, procurando se libertar entre si mediatizados pelo mundo. Suas narrações dizem muito do lugar social de onde vêm e das condições em que vivem cotidianamente, transparecendo em suas falas seus processos de empoderamento, conduzindo-os à inclusão social.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAQUERO, Rute Vivian Ângelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan.-abr. 2012.

BETTO, Frei. Marcas de Batom: como o movimento feminista evoluiu no Brasil e no mundo. In: SHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton. (Orgs.) **Mulheres no Brasil: resistências, lutas e conquistas**, João Pessoa: UFPB, 2006.

BORGES, Claudia Andréa Mayorga. **Rede e inclusão social**. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.boletimef.org>>. Acesso em: 06 ago. 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto consolidado até a Emenda Constitucional n. 66 de 13 de julho de 2013. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_13.07.2010/art_227_.shtm>. Acesso em: 31 maio 2013.

CARVALHO, Sérgio Resende. Os múltiplos sentidos da categoria “*empowerment*”. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 20(4): 1088-1095, jul.-ago. 2004.

CARVALHO, Marília Pinto de. Quem é negro, Quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 28, Jan/Fev/Mar/Abr 2005.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUBER, Frederico et. al. Racismo no futebol: considerado um momento de união e de igualdade entre as pessoas, o futebol também traz casos de preconceito racial em sua história. **Revista Eclética**, Julho/Dezembro, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jerry Richardson et all. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SHARPE, Jim. A História Vista de Baixo. In: BURKE, Peter, (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

THOMPSON, E. P. **A Formação da classe operária inglesa I: a árvore da liberdade** (Tradução: Denise Bottmann). 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VIEIRA, José Jairo. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro. *Teoria e Pesquisa* 42 e 43, janeiro - julho de 2003.

ZIMMERMAN, M. A. Taking aim on empowerment research: on the distinction between individual and psychological conceptions. *American Journal of Community Psychology*. 18. 169-177, 1990.